

## UVEÍTE EQUINA RECIDIVANTE INDUZIDA POR LEPTOSPIROSE

Daniele Pescantini CASTANHO<sup>1</sup>, Adriana Maria Favaro TUNIN<sup>1</sup>,  
Adauto de Carvalho ROSAS FILHO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Aluna do 3º ano do curso de Medicina Veterinária da UNIFEQB, São João da Boa Vista/SP.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Medicina Veterinária da UNIFEQB, São João da Boa Vista/SP.

**RESUMO:** A leptospirose ocular é também chamada de uveíte ou oftalmia periódica em equinos. A uveíte induzida por leptospirose é uma doença de caráter auto-imune, ou seja, acredita-se que há deposição de complexos imunes frente à bactéria presente no olho, uma vez que esta tem preferência por locais com baixa carga imunológica. A doença pode ser detectada após um ou dois episódios agudos, ou poderá prosseguir através de vários episódios agudos tendo como resultado final, a perda da visão. Por não existir um tratamento eficaz, é necessário um manejo sanitário e higiênico correto, uma vez que a bactéria é transmitida pela urina de ratos.

**PALAVRAS-CHAVE:** cavalos, leptospirose, uveíte

### INTRODUÇÃO

Uveíte é a inflamação da íris e do corpo ciliar (anterior) e da coróide (posterior). É uma manifestação comum de muitas doenças infecciosas e não infecciosas, tanto oculares como sistêmicas (REED & BAYLY, 2000). Segundo SILLERUD et al. (1987), a uveíte equina recidivante (UER, Cegueira da Lua, Oftalmia Periodica) é a causa mais comum de cegueira em equinos, como os da raça Appallosa. De acordo com HINES (1984), UER é uma doença imunomediada, com numerosos fatores desencadeantes e exacerbantes. A evolução de uma uveíte depende de um processo alérgico induzido por uma infecção leptospiral sistêmica anterior (WINTZER, 1990).

A leptospirose apresenta grande preocupação aos criadores, pois é transmitida através da urina de ratos, através do contato direto com a conjuntiva, mucosas, abrasões na pele,

ou de uma forma indireta, através de água e ração contaminadas (SELLNOW, 1999). A leptospira tende a persistir onde a atividade de anticorpos é mínima, como os olhos, ocasionando o que chamamos de leptospirose ocular, também chamada de uveíte (HALLIWELL, 1985).

### REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A *Leptospira interrogans* foi implicada na etiologia da uveíte recidivante equina. Na maior parte dos casos clínicos e experimentais de UER, o sorovar pomona foi implicado (HALLIWELL, 1985), embora um relato recente sugira o sorovar harjo como causa de UER (DAVIDSON, 1987).

Visto que a UER associada à leptospirose se desenvolve muito depois de infecção sistêmica, é possível que haja um envolvimento imunológico do equino (DAVIDSON, 1987) fazendo com que linfócitos sensibilizados contra os

antígenos leptospirais permaneçam na úvea por muito tempo após a infecção sistêmica, iniciando reação de hipersensibilidade, se expostos a antígenos leptospirais (HINES, 1984). Outra hipótese sugere que o microorganismo leptospiral de algum modo altera ou expõe um antígeno ocular, fazendo com que este antígeno não seja mais encarado como "self"/auto, sendo atacado pelo sistema imune. SELLNOW (1999), sugere que uma segunda hipótese se deve ao ataque das próprias bactérias ao olho. Uma terceira hipótese sugere que a vasculite generalizada causada por leptospirose poderia predispor à deposição de complexos imunes e a reação de hipersensibilidaes do tipo III (HINES, 1984). Estudos demonstraram que infecções por leptospira, tanto experimentais como naturais, resultaram em uveíte clínica em 12 a 24 meses após a infecção, com bactérias isoladas do humor vítreo (líquido do interior do olho) de cavalos infectados (BREM, 1999). Os sintomas clínicos da UER induzida por leptospirose, foram observados 12 a 24 meses após a infecção, apresentando olhos dolorosos e nos ataques agudos, blefaroespasma, lacrimejamento e fotofobia (SMITH, 1994). Os ataques recorrentes de uma uveíte anterior (iridociclite), são a causa mais comum de cegueira em cavalos. Cada ataque torna-se progressivamente mais severo e se alastra para outros tecidos oculares como a córnea, cristalino, vítreo, retina e nervo óptico, resultando em cegueira completa (DWYER, 1995). Os animais afetados possuem anticorpos anti-sorovars circulantes de *Leptospira interrogans*. O título desses anticorpos tende a se elevar durante uma crise da

lesão e cair durante a remissão (DWYER, 1995). De acordo com HALLIWELL (1985) é necessário que se faça a determinação do título também do humor aquoso, uma vez que os animais podem se apresentar clinicamente normais, mas os anticorpos persistirem por diversos anos. Títulos significamente mais elevados no humor aquoso, comparativamente ao soro, sugerem a síntese intra-ocular de anticorpos durante os estágios ativos da UER induzida por leptospira.

Não existe tratamento específico para UER induzida por leptospira, uma vez sendo necessário tratar seu agente causal (leptospirose) (SMITH, 1994), de acordo com REBHUN (1979), é improvável que a antibioticoterapia tenha sucesso no tratamento da uveíte recorrente, devido ao fundo auto-imune desta doença, mas BREM (1999). afirma que o objetivo terapêutico primário é a redução da inflamação aguda com colírios com corticosteróides e atropina que devem ser aplicados 4-8 vezes ao dia para controlar a inflamação, dilatar a pupila e como analgésico.

Pesquisas estão sendo feitas tanto para desenvolver uma vacina eficaz quanto para criar um agente antimicrobiano que atue sobre a uveíte recorrente (SELLNOW, 1999).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os animais com uveíte crônica recidivante e que sejam portadores da espiroqueta (*leptospira*), tem prognóstico reservado para manutenção da visão normal a longo prazo, com a cegueira geralmente sendo o resultado final, principalmente por ser uma doença de fundo auto-imune, levando a interrupção da carreira de muitos cavalos de esporte.

Por não existir tratamento totalmente eficaz contra a uveíte induzida pela leptospirose, nem vacina até o momento, a prevenção através de um manejo sanitário e higiênico correto é muito importante juntamente com a redução do processo inflamatório.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BREM, S.; GERHARDS, H.; WOLLANKE, B.; MEYER, P.; KOPP, H. Leptospira Isolated From the Vitreous Body of 32 Horses With Recurrent Uveitis. **Berliner Muenchener Tierarzliche Wochenschrift**, v. 112, n. 10-11, p. 390-3, 1999.
- DAVIDSON, M.G.; NASSINE, M.P., ROBERTS, S.M. Immunodiagnosis of Leptospiral Uveitis In Two Horses. **Equine Vet. Journal**, v. 19, p. 155-157, 1987.
- DWYER, A.E. Association of Leptospiral Seroreactivity and Breed with Uveitis and Blindness in Horses: 372 cases (1986-1993). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 207, n. 10, p. 1327-1331, 1995.
- HALLIWELL, R.E.; BRIM, T.A.; HINES, M.T.; et.al. Studies on Equine Recurrent Uveitis II: The Role of Infection With Leptospira Interrogans Serovar Pomona. **Current Eye Res.**, v. 4, p. 1033-1040, 1985.
- HINES, M.T. Immunologically Mediated Ocular Disease in the Horse. **Vet. Clin. North Am.**, v. 6, p. 501-512, 1984.
- REBHUN, W.C. Diagnosis and Treatment of Equine Uveitis. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 175, n. 8, p. 803-805, 1979.
- REED, S.M., BALLY, W.M. **Medicina Interna Eqüina**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000, p. 647.
- SELLNOW, L. Leptospirose: mal de muitas faces. **Revista Horse Business**, n. 56, 1999.
- SILLERUD, C.L., BEY, R.F., BALL, M., BISTNER, S.I.: Serologic correlation of suspected Leptospira interrogans serovar pomona - induced uveitis in a group of horses. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 191, p. 1576, 1987.
- SMITH, B.P. **Tratado de Medicina Interna de Grandes Animais**. v. 2. São Paulo: Manole Ltda, 1994, p. 1223.
- WINTZER, H.J. **Doenças dos Equinos**. São Paulo: Manole Ltda, 1990, p. 293-295.